

Concepções de estudantes de um Curso Normal sobre o ensino de sexualidade na escola

Louise Francisco¹

Simone da Silva Santana Baptista²

Caio Roberto Siqueira Lamego³

Maria Cristina Ferreira dos Santos⁴

Resumo: O objetivo deste estudo foi compreender concepções de estudantes de um curso normal sobre o ensino da sexualidade e refletir sobre os desafios na escola. Participaram da pesquisa 51 alunos no primeiro ano do ensino normal de uma escola no estado do Rio de Janeiro em 2019. Foi utilizado um questionário na construção dos dados e as respostas analisadas com a técnica de análise de conteúdo. A análise indicou que a maioria dos estudantes relacionou a sexualidade ao sexo biológico e a aspectos morfo-fisiológicos, enfatizando modelos reprodutivos e características biológicas de homens e mulheres. Foi ressaltada a importância do ensino da sexualidade para a discussão de preconceitos, tabus e estereótipos, aceitação do próprio corpo e sexualidade. A maioria relacionou preconceitos a questões religiosas e políticas e ao desconhecimento do tema pela família. Aponta-se a relevância do ensino desta temática na escola, estabelecendo relações entre aspectos biológicos e culturais.

Palavras chave: Gênero, Sexualidade, Diferença, Heteronormatividade

1 Graduanda do Curso de Ciências Biológicas da Universidade do Estado do Rio de Janeiro – UERJ, louiseemontenegro@gmail.com

2 Graduanda do Curso de Ciências Biológicas da Universidade do Estado do Rio de Janeiro – UERJ, simonessbaptista@gmail.com

3 Doutorando em Ensino em Biociências e Saúde pelo Instituto Oswaldo Cruz (FIOCRUZ). Mestre em Ensino de Ciências, Ambiente e Sociedade pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ). Docente da Secretaria de Estado de Educação e da Secretaria Municipal de Educação de Itaboraí, RJ – Brasil, caiolamego@gmail.com

4 Doutora em Educação. Professora Adjunta da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ). Docente dos Programas de Pós-Graduação em Ensino de Ciências, Ambiente e Sociedade (PPGEAS) e de Ensino em Educação Básica na UERJ, RJ – Brasil, mcfs@uerj.br

Introdução

A sexualidade humana tem sido regulada a partir de uma visão reducionista do sexo biológico, que envolve questões políticas, sociais e culturais. Segundo Louro (2018, p. 12), a sexualidade é uma construção social a partir da perspectiva hegemônica de dominação, que vem sendo regulada historicamente por discursos que “[...] normatizam, que instauram saberes, que produzem ‘verdades’”. Entender a sexualidade a partir do sexo biológico restringe a sua compreensão, reduzindo-a ao funcionamento do aparelho reprodutor e causando o silenciamento dos corpos. Para Butler (2018), o termo sexo é entendido como um ideário regulatório que se materializa a partir do controle dos corpos, silenciando-os por meio de normas historicamente construídas. Para Altmann (2013, p. 77), “[...] quando concebidas de uma perspectiva biológica de corpo, práticas educativas sobre sexualidade têm dificuldades de contemplar a diversidade sexual. As relações sexuais acabam sendo pensadas a partir de uma lógica reprodutora”, em que “[...] as normas regulatórias materializam o ‘sexo’ e produzem esta materialização através de uma reiteração forçada destas normas” (BUTLER, 2018, p. 195).

Nos Parâmetros Curriculares Nacionais (BRASIL, 1998) a sexualidade é um tema a ser desenvolvido nos espaços formativos a partir de uma perspectiva transversal, embora reduzida a sentidos biológico e reprodutivo. Embora a escola seja constituída por uma diversidade de corpos e identidades sexuais, a compreensão social da heterossexualidade como “natural”, “normal” e universal vem contribuindo para o adestramento dos corpos. Esse processo pode definido como “escolarização do corpo” que, de acordo com Louro (2018, p. 20), vem sendo este corpo disciplinado pela escola, muitas vezes de forma “[...] sutil, discreta, contínua, mas, quase sempre, eficiente e duradoura”, pois “[...] é treinado no silêncio e em determinado modelo de fala” (ibidem, p. 26).

Torna-se relevante romper com a “normatividade social” no currículo, estabelecida por meio de uma compreensão monocultural historicamente alicerçada em uma educação tradicional de “valores e morais” (SANTANA et al., 2015). Embora comumente nos currículos escolares o ensino da sexualidade seja estabelecido de forma tópica, sem associação entre o biológico e o cultural, para Nunes (1997, p. 17) “[...] a escola é o espaço também de crítica sobre a sexualidade estabelecida e o laboratório das novas significações e vivências”, comprometendo-se a romper com o modelo empirista, biologista e informativo. É importante que nas disciplinas escolares Ciências e Biologia ampliem-se as discussões sobre aspectos que influenciam na

sexualidade dos sujeitos. Santos et al. (2011) propõem uma discussão sobre o tema sexualidade comprometida com a realidade cultural e social, visando a uma formação que vá além da perspectiva normativa, ou seja, contribuindo para uma visão de mundo crítico-reflexiva contextualizada com a realidade dos alunos.

Sendo a escola um espaço que pode contribuir para um ensino comprometido com o diálogo e reflexão crítica sobre diferentes temas, este estudo tem por objetivo compreender concepções de alunos do ensino normal sobre o tema sexualidade na escola.

Metodologia

A pesquisa contou com uma abordagem qualitativa (ANDRÉ, 2010). Segundo Minayo (2009, p. 21), o uso da abordagem qualitativa justifica-se por permitir que o pesquisador trabalhe “[...] com o universo dos significados, dos motivos, das aspirações, das crenças, dos valores e atitudes” de um grupo de alunos sobre diferentes temáticas.

Em 2019 participaram da pesquisa 51 alunos do primeiro ano do ensino médio do Curso Normal de uma escola pública localizada no município de São Gonçalo, no estado do Rio de Janeiro, sobre o tema sexualidade. O instrumento utilizado para a construção dos dados foi um questionário, contendo três questões abertas: 1) O que você entende sobre a temática da sexualidade?; 2) Você considera importante o ensino da sexualidade na escola?; 3) Para você algo dificulta o ensino dessa temática na escola? Se sim, qual(is) são essas dificuldades?. O uso do questionário se justifica por ser um instrumento de baixo custo e que alcança um maior número de participantes (MARCONI; LAKATOS, 2003). O uso de um questionário também permite manter o sigilo das identidades dos participantes.

Atendendo às normas éticas de pesquisa, foi solicitada a assinatura do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) aos responsáveis dos alunos, após serem esclarecidos sobre o tema e objetivos da pesquisa. Os responsáveis que concordaram e autorizaram a participação dos alunos no estudo assinaram o TCLE. Para diferenciar as respostas dos participantes e preservar o sigilo de sua identidade, foi atribuída a cada um deles a letra “E” seguida de uma numeração, a fim de identificá-los por meio de código alfanumérico.

As respostas dos alunos ao questionário foram analisadas com a técnica de análise de conteúdo de Bardin (2016). Foram realizadas sucessivas leituras do material, a fim de codificar as mensagens contidas nos escritos

e unitarizá-las em categorias, que neste estudo foram criadas a *posteriori*. A categorização foi realizada por meio de unidades de registro, sendo que cada uma corresponde ao “[...] segmento de conteúdo considerado unidade de base” e unidades de contexto, que estão ligadas a uma “[...] unidade de compreensão para codificar a unidade de registro”, a fim de compreendê-la (BARDIN, 2016, p. 134-137).

Resultados e discussão

As respostas dos participantes da pesquisa foram analisadas e reunidas em categorias. Na análise das respostas à primeira pergunta do questionário buscou-se compreender as concepções de sexualidade dos alunos do Curso Normal (Quadro 1).

Tabela1. Distribuição das concepções dos estudantes do ensino normal sobre conceito de sexualidade.

Unidades de Registro	Unidades de Contexto	Número (%)
Sexo biológico	Relaciona o conceito de sexualidade aos aspectos morfológicos e fisiológicos dos aparelhos sexuais	15 (29,4)
Orientação sexual	Relaciona o conceito de sexualidade as diferentes formas de atração afetiva e sexual dos sujeitos	11 (21,6)
Gênero	Relaciona o conceito de sexualidade ao binarismo normativo homem x mulher	9 (17,6)
Desconhecimento	Afirma não conhecer o conceito de sexualidade	15 (29,4)
Em branco	Resposta sem mensagem dada pelo participante da pesquisa	1 (2,0)
Total		51 (100)

Fonte: Autores, 2020.

Nas respostas à primeira questão a maioria dos alunos relacionou a sexualidade ao sexo biológico e seus aspectos morfofisiológicos, pois enfatizaram em suas respostas características que definem biologicamente homens e mulheres, reduzindo a modelos reprodutivos, como em: “Gêneros, Anatomia os órgãos” (E13); “Relação sexual entre mulher e homem.” (E29); “Ato de sexo de procriação” (E47). Possivelmente influenciadas pela cultura dominante que exalta a heteronormatividade, algumas respostas conceituam a sexualidade como a relação existente entre homem e mulher cisgênero. As respostas indicaram que estes participantes, ao conceituarem sexualidade, não levaram em consideração que os corpos e as identidades sexuais são significados pela cultura e sofrem mudanças ao longo do tempo, pois

assumindo a sexualidade um caráter fragmentário, ela ser interpelada por situações, instituições e grupos socioculturais que proporcionam mudanças ao longo do tempo (LOURO, 2018). Para o estudante E18, a noção de sexualidade traz um sentido que considera questões de identidade, orientação sexual e aspectos biológicos, associados a questões socioculturais: “Para mim existem vários meios de se identificar sexualmente, na forma que a pessoa pensa, sente no coração e sente no órgão sexual” (E18). Sua resposta rompe com o imaginário do senso comum de que todos os indivíduos vivenciam a sexualidade da mesma forma, mostrando a subjetividade dos sujeitos no relacionamento com o seu corpo e modificada pelos discursos sociais (OLIVEIRA et al., 2017).

Na análise das respostas à segunda pergunta, buscou-se compreender como os estudantes do curso normal entendiam a importância do ensino da sexualidade na escola (Quadro 2).

Tabela2. Distribuição das concepções dos estudantes sobre a importância do ensino da sexualidade na escola.

Unidades de Registro	Unidades de Contexto	Número (%)
Compreensão da sexualidade para minimizar preconceitos	Relaciona a importância de se trabalhar o tema na educação básica para entender a sua sexualidade e a do “outro”, a fim de minimizar preconceitos e reconhecer a diversidade.	25 (49,0)
Prevenção de IST/ gravidez indesejada	Relaciona a importância de se trabalhar o tema na educação básica para entender a biologia do corpo, a fim de minimizar danos causados por Infecções Sexualmente Transmissíveis (IST) e/ou não ter uma gravidez indesejada.	7 (13,7)
Elucidação de dúvidas	Relaciona a importância de se trabalhar o tema na escola para proporcionar um espaço de aprendizagem sobre o tema e elucidação de dúvidas.	5 (9,8)
Identificação de abusos sexuais	Relaciona a importância de se trabalhar o tema na educação básica para identificar possíveis abusos e/ou assédios sexuais.	1 (2,0)
Sem importância	Afirma não haver importância de trabalhar o tema sexualidade na educação básica.	2 (3,9)
Em branco	Resposta sem mensagem deixada pelo participante da pesquisa.	11 (21,6)
Total		51 (100)

Fonte: Autores, 2020.

As respostas dos alunos ressaltaram a importância do ensino da sexualidade para minimizar preconceitos, tabus e estereótipos, além favorecer o conhecimento e aceitação do seu corpo e da sua sexualidade, como em:

“Sim, para terem mais conhecimento, respeito e menos preconceito” (E25); “Sim, para que os alunos identifiquem quando o(a) colega está sofrendo abuso e para que as pessoas saibam se cuidar e se proteger” (E45); “Sim, muitos problemas que eu passei durante o meu Ensino Fundamental II poderiam ter sido esclarecidos se eu tivesse mais informações sobre” (E51). Sabendo que a escola é parte da sociedade e que interagem os sujeitos que nela vivem em diferentes contextos sociais, faz-se necessário que neste espaço os professores estimulem o ensino de sexualidade para atender a uma prática pedagógica libertária (MIRANDA; OLIVEIRA, 2017).

Por vezes na escola não são problematizadas atitudes preconceituosas contra sujeitos que não seguem a heteronormatividade. A partir de uma reflexão crítica, cabe ao professor um ensino que possa “[...] influenciar na problematização da sexualidade no contexto escolar” (MIRANDA; OLIVEIRA, 2017), a fim de minimizar atitudes de preconceito e discriminação, de modo que a normativa heterossexual dê espaço ao surgimento de “[...] indivíduos críticos e resistentes, dispostos a deixar transparecer a assimetria e desigualdades presentes em um mundo em constante construção e desconstrução” (OLIVEIRA et al., 2017), permitindo-se vivenciar sua sexualidade em plenitude.

Tabela 3. Distribuição das concepções dos alunos do ensino normal sobre as dificuldades do debate sobre sexualidade na escola.

Unidades de Registro	Unidades de Contexto	Número (%)
Questões políticas, sociais e religiosas	Relaciona a dificuldade da abordagem do tema sexualidade na educação básica às normas impostas pela sociedade heteronormativa, que contribui para preconceitos e discriminações.	33 (64,8)
Imaturidade	Relaciona a dificuldade da abordagem do tema sexualidade na educação básica à falta de seriedade dos alunos quando o tema é abordado.	6 (11,7)
Afirmam não existir	Não relaciona a abordagem do tema sexualidade na educação básica a nenhum tipo de dificuldade ou barreira.	9 (17,6)
Desconhecimento	Afirma não ter uma opinião formada sobre o tema.	2 (3,9)
Em branco	Resposta sem mensagem deixada pelo participante da pesquisa.	1 (2,0)
Total		51 (100)

Fonte: Autores, 2020.

Em relação às dificuldades para o ensino do tema na escola, a maioria dos alunos (33) relacionou a questões religiosas, políticas e ao desconhecimento do tema pela família, como nas respostas: "Sim. A religião e até alguns pais/responsáveis" (E19); "Sim. Políticos, pais que acham errado falar sobre isso e religião" (E3). A partir da análise das respostas dos estudantes, indica-se que a falta de conhecimento sobre o tema e/ou crenças religiosas podem contribuir para que os responsáveis pelos estudantes compreendam a temática da sexualidade como um tabu, buscando se distanciar do conhecimento construído na escola, pois para essas pessoas cabe aos pais informar aos filhos sobre o tema, muitas vezes pautados no senso comum e sem problematizar questões que permeiam a temática, como nas respostas: "Sim. Na minha opinião é que sexualidade, querendo ou não, aprendemos que é algo errado, sujo, pois muitos pais podem pensar que isso incentiva a pessoa a fazer ou se tornar algo simplesmente por ter mais informação" (E23); "Tabu. Algumas pessoas ainda acham que é algo errado, proibido. Creio que isso deve estar presente na opinião dos pais" (E35). Depreende-se que tais visões relacionam-se a uma cultura que reprime o diálogo relacionado à sexualidade, pois traz um "[...] sentido de que ela incute proibições e visões negativas e distorcidas a respeito dele, seja no sentido de que ela exerce forte instigação ao sexo egoísta, irresponsável e, muitas vezes, destituído de qualquer sentimento de respeito por si e pelo outro" (FIGUEIRÓ, 2009, p. 9). Sendo a religião uma força que normatiza conhecimentos e tabus sobre determinados temas, Rodrigues e Chaves (2019) propõem um ensino comprometido com questões éticas, buscando problematizar a sexualidade nos espaços educativos, a fim de romper com normatização e silenciamento dos corpos, ou seja, com a lógica hegemônica da heteronormatividade.

Conclusão

A análise das respostas dos estudantes indicou que a maioria relacionou a sexualidade ao sexo biológico e a seus aspectos morfofisiológicos e enfatizou modelos reprodutivos e características biologizantes de homens e mulheres, reforçando o binarismo do padrão heteronormativo hegemônico. A análise também indicou a importância do ensino da sexualidade na escola para a problematização de preconceitos, tabus e estereótipos, aceitação do corpo e da sexualidade. A maioria dos estudantes relacionou os preconceitos a questões religiosas e políticas e ao desconhecimento do tema pelos pais.

Preconceitos e estereótipos relacionados à sexualidade atrelados a questões religiosas e políticas são desafios a serem enfrentados na escola, visando à construção de conhecimentos sobre a sexualidade e temas afins que conjuguem relações entre aspectos biológicos e culturais. Aponta-se a relevância de outras pesquisas sobre o ensino desta temática na escola.

Agradecimentos e Apoios

Os autores agradecem aos participantes da pesquisa e à CAPES pelo apoio financeiro.

Referências

ANDRÉ, M. E. D. **Etnografia da prática escolar**. 17ª ed. São Paulo: Papirus, 2010, p. 128.

ALTMANN, H. Diversidade sexual e educação: desafios para a formação docente. **Sexualidad, salud y sociedad – Revista Latinoamericana**, 13: 69-82, 2013.

BARDIN, L. **Análise de conteúdo**. São Paulo: Edições 70, p. 279, 2016.

BRASIL. **Parâmetros Curriculares Nacionais – Tema transversal: Orientação Sexual**. Secretaria de Educação Fundamental. Brasília: MEC/SEF, 1998.

BUTLER, J. Corpos que pensam: sobre os limites discursivos do “sexo”. In: LOURO, G. L. (Org.). **O corpo educado: pedagogias da sexualidade**. 4 ed. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2018. p. 191-219.

FIGUEIRÓ, M. N. D. **Educação sexual: em busca de mudanças**. Londrina: UEL, 2009. p. 208.

LOURO, G. L. Pedagogias da sexualidade. In: LOURO, G. L. (Org.). **O corpo educado: pedagogias da sexualidade**. 4 ed. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2018. p. 7-42.

MARCONI, M. A.; LAKATOS, E. M. **Fundamentos de metodologia científica**. 5. ed. São Paulo: Atlas, 2003, p. 311.

MINAYO, M. C. de S. **Pesquisa Social: teoria, método e criatividade**. 23 ed. Petrópolis, RJ. Vozes, 2009, p. 108.

MIRANDA, C. S.; OLIVEIRA, G. F. Problematizar o tema sexualidade no contexto escolar: reflexões sobre as lacunas da formação dos professores de ciências. In: **XI Encontro Nacional de Pesquisa em Educação em Ciências**, Florianópolis – SC, 1-10, 2017.

NUNES, C. A. **Desvendando a sexualidade**. 3 ed. Campinas: Papyrus, 1997. p. 152.

OLIVEIRA, R. R.; BRANCALEONI, A. P. L.; GIÃO FILHO, G. M.; PAULINO, R. S.; SILVA, C. S. F. Preconceito e sexualidade em sala de aula – o (des)preparo docente frente ao dizer dos alunos. In: **XI Encontro Nacional de Pesquisa em Educação em Ciências**, Florianópolis – SC, 1-9, 2017.

RODRIGUES, L. A.; CHAVES, S. N. Sexualidade em escolas confessionais: produção//invenção de corpos docentes e discentes. In: **XII Encontro Nacional de Pesquisa em Educação em Ciências**, Natal – RN, 1-8, 2019.

SANTANA, E. B.; SANTOS, M. T.; SEABRA, S. F. F. O currículo como artefato de subjetivação: a abordagem social da sexualidade. In: **X Encontro Nacional de Pesquisa em Educação em Ciências**, Água de Lindóia – SP, 1-8, 2015.

SANTOS, W. B.; CARDOSO, R.; ALMEIDA, J. S. M.; MOREIRA, F. A. Educação sexual como parte curricular da disciplina de Biologia e auxílio a adolescentes: dificuldades e desafios. **Experiências em Ensino de Ciências**, 6 (2): 7-18, 2011.